

Resumo

A indústria brasileira do início do século XX, concentrada na produção de bens não duráveis, estava atrelada aos lucros auferidos pela exportação cafeeira e aos mercados gerados pela mesma. Desta forma, ela foi se fortalecendo na medida em que empregava boa parte dos imigrantes que chegavam e, ao mesmo tempo, começava a suprir o incipiente mercado interno.

Como a produção de café estava situada no interior paulista, onde também se intensificaram os investimentos em infra-estrutura (entre eles, as ferrovias, com destaque para a Companhia Paulista de Estradas de Ferro, a “Paulista”) para dar conta do escoamento desta produção, tais condições permitiram o florescimento industrial em todo o Estado, inclusive no seu interior, e não apenas na capital, como é o caso da empresa em discussão.

A Companhia Ararense de Leitaria, a “Leitaria”, fundada em 1909, no município de Araras (aproximadamente 170 quilômetros da capital), é uma destas empresas. O município proporcionava alguns atrativos para o ingresso de capitais neste tipo de empreendimento: Araras fazia parte da malha ferroviária da Companhia Paulista de Estradas de Ferro desde 1877, o que facilitava a chegada da matéria-prima e o escoamento da produção; as fazendas da cidade e da região, em que pese muitas terem no café o carro-chefe da produção, proporcionavam uma boa quantidade de leite; a proximidade com a cidade de São Paulo, que haveria de ser o grande centro consumidor de sua produção. Por tudo isto, a fábrica passou a produzir um gênero até então importado, o leite condensado, que a Nestlé vendia no mercado brasileiro sob o nome de Milkmaid.

Esta empresa, sob a razão social de Lacerda, Soares & Nougues, foi obra do sonho de Nougues, mas deve ser compreendida, também sobre a luz do grande capital cafeeiro. Este, cada vez mais se aventurando em novas áreas, em busca de diminuir seus custos de manutenção e oportunidades lucrativas de investimento, foi se metamorfoseando em capital industrial, não só nos momentos de crise do setor cafeeiro e, dando origem à burguesia industrial paulista. Os fazendeiros que Nougues procurou para fomentar sua empresa, João de Lacerda Soares, João Soares do Amaral e José de Souza Queiroz, ilustravam bem esse tipo de “capitalista” que viabilizava a implantação de novas indústrias.

Com o crescimento da Leitaria, novos sócios adentraram na Companhia na busca de dividendos. Esta ascensão pode também ser creditada à Primeira Guerra

Mundial (1914-1918), pois o conflito prejudicou a importação de diversos produtos que abasteciam o mercado brasileiro, inclusive o leite condensado, que a Leitaria produzia no Brasil. O fato é que houve uma expansão, denotada pelas operações de aumento do capital da empresa – a Leitaria, que nascera com um capital inicial de Rs. 66:800\$000 (sessenta e seis contos e oitocentos mil réis) em 1909, aumenta o mesmo para Rs. 350:000\$000 (trezentos e cinquenta contos de réis) em 1915 e, em dois anos depois, chega a Rs. 450:000\$000 (quatrocentos e cinquenta contos de réis) – e que a Lacerda, Soares & Nougues estava fortalecida no pós-guerra.

Contudo, parece que o montante ganho por aqueles que representavam a empresa, João de Lacerda Soares e Louiz Nougues possuíam a maior parte das ações, aliado às incertezas do mercado, às dificuldades em concorrer com um poderoso rival e à possibilidade de lucrar ainda mais com uma ótima oferta feita pela multinacional suíça – Rs.800:000\$000 (oitocentos contos de réis), segundo a escritura de compra e venda, mas valor que, conforme afirma um jornal da época, chegou a Rs.1.200:000\$000 (mil e duzentos contos de réis) – fizeram com que se concretizasse a venda da Companhia Ararense de Leitaria à Nestlé and Anglo-Swiss Condensed Milk Co., no dia 22 de janeiro de 1921, data do registro em cartório.

No tocante à entrada da Nestlé no Brasil, a opção foi pela aquisição da única empresa atuando no setor específico de leite condensado. Esta estratégia foi utilizada e continua sendo uma das formas comuns de multinacionais entrarem em novos mercados, tanto no Brasil como em outros países. Neste caso, as vantagens da firma entrante estão no acesso à matéria-prima, a um mercado já cativo, ao conhecimento e experiência implantados pela firma adquirida e o funcionamento imediato da nova filial. No caso da aquisição da Nestlé, o acesso imediato a estes itens compensou o preço elevado pago pela concorrente.

O saldo há de ser positivo quando pensarmos em Nougues e na Companhia Ararense de Leitaria. Ele que tinha apenas uma boa idéia nas mãos, conseguiu transformá-la numa grande indústria que atraiu novos e fortes investidores, gerou dividendos e pode ser considerada a precursora de uma multinacional alimentícia no Brasil, a maior do mundo, que até hoje ocupa a mesma planta que adquiriu da Leitaria – a Nestlé Araras apenas ampliou o espaço, mas ainda é possível notar os traços da primeira fábrica.